

ROBERTO SCHWARZ

Universidade Estadual de Campinas

LS: *Quais os conceitos que consideraria centrais e mais fecundos na obra crítica e historiográfica de Antonio Candido?*

Até onde vejo, Antonio Candido nunca foi fanático de conceitos, nem aliás de métodos. No seu trabalho a acuidade estética e a reflexão histórica pesam mais que a teoria abstrata, a qual qualificam segundo a circunstância. Sem prejuízo da bibliografia atualizada, a relação independente com as inovações conceituais de Europa e América do Norte é um dos segredos da sua inteligência crítica. Contrariando os nossos hábitos novidadeiros, ele as submete à verificação da experiência cultural acumulada no país, que não é posta de lado, ou melhor, que é valorizada como um fator de conhecimento. Em particular nos estudos sobre matéria brasileira, estas verificações têm valor estratégico, pois trazem à luz o desajuste entre as categorias hegemônicas do momento, elaboradas nos países centrais, e as nossas realidades periféricas. A substância estética e social-política destes desajustes tem interesse profundo – desde que sejam assumidos –, seja para a autoconsciência dos brasileiros, seja para a compreensão dos desníveis gerais da sociedade moderna.

Também em relação aos conceitos que ele próprio cunhou, Antonio Candido foge à rigidez. A ideia da *redução estrutural*, por exemplo, que comanda os seus ensaios mais ambiciosos, é uma resposta muito bem achada para a questão talvez mais espinhosa da crítica moderna, a saber, a relação interna e nunca automática entre literatura e vida social. É uma elaboração de ponta, que poderia comportar uma discussão separada e erudita, no quadro das teorias da mimese: como entender o processo de *estruturação*, mediante o qual o artista configura, a partir do dado externo, uma *generalidade* que é anfíbia, tanto organizando a obra como esclarecendo o real? A obra que *resulta* dessa estruturação é *autônoma*, regida por uma regra própria, ao mesmo tempo em que fala do mundo.

Mas não é por aí que vai o crítico. À discussão teórica centrada em conceitos mais ou menos isolados, separados de sua esfera real de atuação, ele pre-

fere a interpretação em funcionamento, cujos problemas e resultados (que são valiosos também fora do campo literário) vão surgindo passo a passo. É como se na prática opinasse que as discussões doutrinárias, com seu universalismo implícito e distância do objeto, ficam aquém da complexidade e do interesse do trabalho crítico.

Por este lado o roteiro dos ensaios, com suas etapas muito diversas, cujo encadeamento é sempre uma surpresa, talvez seja mais elucidativo do que a indicação dos conceitos principais.

LS: Neste sentido, que obra ou que ensaio lhe parece exemplar?

Se for para escolher, fico com “Dialética da malandragem” e “De cortiço a cortiço”, em que está realizado o principal do projeto de Antonio Candido. São ensaios inovadores em muitas frentes, cuja envergadura, apesar do prestígio, não foi devidamente avaliada. Talvez porque ficaram confinados ao campo acadêmico dos estudos brasileiros, que, entretanto, eles desprovincianizaram de maneira decisiva. Como a nossa ideia de adiantamento é reboquista, mais ligada ao rótulo que à coisa, foi pouco notada a concepção nova de *forma* que propunham. Sem incorrer em reducionismo, esta desenvolvia um modo materialista de articular os planos estético e social. O seu impulso teórico se contrapunha às tendências internacionais em voga, basicamente antirreferenciais, ao mesmo tempo que abria espaço para a experiência artística e histórica local, que era puxada para um âmbito de debate a que não estava acostumada. A razão desses avanços não era nenhum ufanismo, mas o sentimento analiticamente consolidado do caráter internacional das coisas locais, e – mais surpreendente – do valor destas para uma visão compreensiva da atualidade em sentido amplo. Tratava-se de tirar o país do limbo artístico a que parecia condenado pelo atraso e de lhe reconhecer a capacidade de gerar formas à altura do tempo. O sentido agudo da condição periférica impunha às concepções universalistas ou hegemônicas do presente uma diferenciação *sui generis*.

À primeira vista, nem as *Memórias de um sargento de milícias* nem *O cortiço*, objetos respectivamente dos dois ensaios, se qualificam como livros maiores. Pelo contrário, a despreensão de um e os chavões naturalistas do outro saltam aos olhos. A renovação crítica no caso consistiu em apontar neles uma dinâmica de fundo despercebida até então, de grande alcance, que estava para além das intenções do autor, podendo contrariá-las. Observe-se o interesse do passo, em que livros bons, mas marcados por limitações, são transformados em obras notáveis, graças às verdades que os achados do crítico souberam desentranhar de sua *organização*, inclusive de seus ritmos.

A certa altura Antonio Candido observa que a violência social de *O cortiço* é maior do que supunha o romancista. Ao indicar o descolamento entre as intenções do escritor e o significado da ficção, ele confere a esta uma espessura e uma autonomia de tipo novo, que se transmitem também à leitura, tornada

muito mais ativa (e moderna). Se os propósitos do artista deixam de ter a última palavra, esta passa para dentro do texto, cuja forma ou movimento interno lhes redefine o alcance e até o sentido. Analogamente o crítico adquire independência, pois passa a estar a serviço da obra – com a sua compleição voluntária e involuntária – e não do autor. Por aí, Antonio Candido se filia à tradição da dialética não-dogmática, para a qual a configuração literária prevalece sobre as convicções autorais.

Embora contrária ao senso comum, não é uma ideia difícil. Mal ou bem, o trabalho da estruturação que impõe a sua consistência ao artista, escapando ao projeto explícito deste e às suas limitações, é uma experiência corrente. Trata-se da ideia materialista de forma, para a qual as intenções não são tudo. Estas não evoluem no vácuo, ou melhor, são afetadas e reconfiguradas pelos materiais sobre os quais trabalham, que são portadores de energia histórica por sua vez e as historicizam de torna-viagem. Controlado ou descontrolado, este refluxo sobre os propósitos do autor é parte plena da forma artística nesta acepção. Dito isso, observe-se que nos dois romances estudados por Antonio Candido a dissociação entre intenção e resultado tem um eixo particularmente brasileiro, com problemas *de classe* próprios. Os movimentos de fundo que o crítico estuda articulam dimensões da sociedade nacional que, além de inconfessadas, a distinguem de seus paradigmas europeus e a tornam problemática num sentido diferenciado. São por assim dizer segredos históricos, ligados aos arranjos sociais peculiares à ex-colônia, os quais se mostram dotados de potência estruturante. Digamos que a noção materialista de forma, com antena para a contradição entre forma e materiais, tem oportunidade particular em sociedades dependentes, de periferia, induzidas pela ordem geral das coisas a pensar em si mesmas com categorias que não se aplicam bem a seu caso.

Passo a passo, estes ensaios transformam a leitura de livros importantes da literatura brasileira, dando-lhes nova altura: rediscutem a sua relação com os modelos internacionais; identificam um vínculo inédito e de fundo, mais ou menos inconsciente, com o processo social do país; apoiados nessa afinidade, exploram a sua consistência formal, com resultados literários e extraliterários de sumo interesse; em veia comparatista, por fim, refletem sobre o significado contemporâneo da experiência configurada nos romances. São operações muito diversas entre si, que entretanto nada têm de arbitrário. O seu conjunto responde em profundidade e objetivamente a necessidades da crítica em países como os nossos. Dependendo sempre de invenção e longe de qualquer pitoresquismo, há um fio ligando por dentro a originalidade da crítica, a originalidade das obras e a singularidade das experiências históricas.

LS: *A perspectiva de Antonio Candido tem vigência crítica no cenário atual?*

No essencial a obra de Antonio Candido foi escrita nos anos 50 e 60 do século passado, com vigoroso propósito de superação e síntese. Por um lado, afirmava

o primado da forma na discussão literária, em oposição à historiografia positivista, ao marxismo vulgar e ao sociologismo, influentes naquela data. Por outro, em oposição ao formalismo, buscava estabelecer o substrato social da própria forma, a qual *situava*. No conjunto tratava-se de desdogmatizar a reflexão de esquerda e de ganhar para ela os acertos da análise formal, geralmente cultivada em espírito antipolítico ou conservador. O terreno dessa discussão era internacional, com pólos no *New Criticism* americano, na crítica inglesa, nos debates francês e italiano. Devido às barreiras que a 2ª Guerra Mundial impôs à circulação das ideias, ficavam faltando as posições do marxismo heterodoxo alemão, com as quais as convergências são notáveis. Basta pensar nas formulações paradoxais de Adorno sobre a autonomia da arte como fato social, ou sobre a forma como conteúdo histórico sedimentado. Quanto ao Brasil, Antonio Candido livrava do acanhamento provinciano ou localista os traços de sua feição cultural, reinterpretando-os no quadro da atualidade, como *problema*. A procura da articulação produtiva – ou mutiladora – entre as condições da ex-colônia e a modernidade fazia parte da luta contra o subdesenvolvimento, com sua aposta no dinamismo interno do país, que estava devendo um passo. Sob esse aspecto, há um paralelo instrutivo a ser feito com o melhor da sociologia e da economia política do período.

Passados os anos, o conjunto destas posições foi submergido, mas não refutado, pela maré pós-moderna. Saíram de cena a negatividade, a dialética e suas promessas de transformação, e entraram as teses do fim da história. A expansão avassaladora do capital, que deixou de ter limite externo, tornando-se global, mudou a paisagem. Entretanto será verdade que a qualidade estética, a consistência interna, o “*close reading*”, a substância social da forma, as problemáticas nacionais das ex-colônias e a própria ideia de crítica perderam a razão de ser? Embora o horizonte polêmico seja outro, só um cego não nota que estas exigências permanecem vivas, sob pena de regressão intelectual. Cabe às novas gerações retomar o assunto.